

Processos de (re)definição na poesia de Conceição Evaristo

Ana Beatriz Gonçalves□*

Resumo

A construção de uma identidade feminina afro-brasileira é uma questão a ser observada. Mesmo na língua falada no país, na expressão “mulher negra”, o adjetivo negro contém um significado implícito de sujeira, melancolia, condenação, etc. Esse fato também nos revela que princípios de equidade não fazem parte da rotina da mulher afro-brasileira: ela ainda efetua trabalhos com a mais baixa remuneração; ainda que tenha concluído um curso superior, o mercado a rejeita devido à sua “aparência”. Ainda que sejam muitas, as mulheres negras permanecem invisíveis. Mas, dessa invisibilidade, resurgem e constroem suas identidades. Neste artigo examino os processos por meio dos quais a poeta afro-brasileira Conceição Evaristo elabora suas múltiplas identidades, ou seja, como sai da invisibilidade para transformar marginalização em poder.

Palavras-chave: Diáspora; Identidade; Feminismo; Poesia; Afro-brasil; Invisibilidade

Espera-se que a mulher negra seja capaz de desempenhar determinadas funções, como cozinhar muito bem, dançar, cantar, mas não escrever. Às vezes me perguntam: “Você canta?”. E eu digo: “Não canto nem danço.” (EVARISTO, 2005)

O conceito clássico de diáspora está associado à experiência judaica de exílio forçado, dor, sofrimento. É também aplicado ao grande movimento de negros originários da África que vieram para o Novo Mundo via escravidão – a diáspora negra. Essa visão da diáspora como experiência traumática implica um sentimento de perda, resultado da inabilidade de retorno à terra de origem. A associação de diáspora com trauma, apesar de não dar conta de todos os tipos de diáspora, por exemplo, o número de engenheiros originários da Índia que trabalha no Vale do Silicó, nos EUA, implica uma tensão entre dois lugares: o de origem e o novo.

Dessa tensão resulta o sujeito diaspórico, o sujeito híbrido, que não se refere a uma composição racial mista da população, mas a um processo de tradução

* University of Texas System.

cultural, que nunca se completa, já que está em constante negociação, e cuja experiência perturba modelos fixos de identidade cultural. Cabe-nos pensar, em primeiro lugar, como se dão esses processos de negociação, e, em segundo, o que a experiência da diáspora causa a modelos fixos de identidade cultural.

Para nossos propósitos, o conceito de diáspora está relacionado à deformação da nação, quer dizer, a condição diaspórica rompe com a ideia de um estado-nação culturalmente homogêneo, porque perturba a ideia clássica da homogeneidade e questiona formas de nacionalismo relacionadas à homogeneidade.

Diáspora deve, então, ser considerada como “um processo que tem um impacto no modo de viver do povo e na sociedade em que vive” (KALRA *et al*, 2005, p. 29)¹. Sendo assim, a consciência da condição diaspórica questiona toda e qualquer forma de pertencimento, porque é “um produto de culturas e histórias em coalisção e diálogo” (KALRA *et al*, 2005, p. 30)². Em constante coalisção e em constante diálogo, diríamos.

No que se refere à representação literária da mulher negra, percebemos que, ainda ancorada nas imagens do seu passado escravo, ela é retratada como a antimusa da sociedade brasileira, porque não se adequa ao modelo estético. A literatura, assim como a história, produz um apagamento dessas mulheres, ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira.

Podemos entender a literatura dessas mulheres como uma arma de criatividade, palco de resistência do sujeito diaspórico, local onde questões da diáspora são levantadas, questionadas, reforçadas. Espaço onde o sujeito diaspórico negocia e re-negocia suas identidades, onde configura suas identidades alternativas.

Zilá Bernd, em seu livro **Literatura e identidade nacional** (2003), afirma que os vários discursos de grupos discriminados “funcionam como o elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de auto-afirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação”. (BERND, 2003, p. 13)

Na mesma linha de raciocínio, Maria Nazareth Soares Fonseca propõe que “as vozes marginalizadas, ao serem reproduzidas pelo traço da escrita, provocam intensos ruídos na transmissão oficial dos fatos ou na forma como o social é construído.” (FONSECA, 1992, p. 11). E, “ao se permitir que os silenciados ocupem lugares delineados pela escrita, dá-se vazão ao reprimido que emerge rasurando a cena dos grandes feitos para compor outras histórias.” (FONSECA, 1992, p. 11).

1 - No original: “a process which has an impact on the way people live and upon the society in which they are living”.

2 - “entirely a product of cultures and histories in collision and dialogue”.

Em sua proposição de uma nova consciência mestiça, que se move “constantemente para fora das formações cristalizadas”, Glória Anzaldúa aponta para uma saída:

O trabalho da consciência mestiça é o de desmontar a dualidade sujeito-objeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida (...) Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra. (ANZALDÚA, 2005, p. 707)

Assim, marcadas por formas de dominação que perpassam o paternalismo de nossas sociedades e o sistema colonial, produtos de separações, de deslocamentos, de desmembramentos, as mulheres negras, ao construírem, através de sua escrita, estratégias para reverter essa situação estão, ao mesmo tempo, se reconstruindo. A escrita nesse caso deve ser pensada como um processo constante de auto-(re)definição.

Por ser um processo constante de auto-(re)definição, a constituição de um sujeito negro feminino é o primeiro aspecto que nos interessa abordar neste trabalho. Nosso objetivo é examinar como a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo (2008) constrói suas identidades, como sai da invisibilidade e transforma marginalização em poder. Para tal, concentro minhas análises em uma seleção de poemas do livro **Poemas de recordação e outros movimentos**, publicado em 2008.

Conceição Evaristo, poeta, romancista, contista, contribuiu para várias edições de **Cadernos negros**, publicação dedicada à literatura afro-brasileira. **Ponciá Vicêncio**, seu primeiro romance, foi publicado em 2003, tendo sido já traduzido para o inglês. Em junho de 2006 publicou seu segundo romance, **Becos da memória**, e em 2008 sua coletânea de poemas **Poemas de recordação e outros movimentos** finalmente chegou ao público leitor.

Sua obra examina temas complexos, tais como a vida nas favelas, o preconceito e a exclusão social. Mas, ela também fala de amor, de esperança, da família. Sua perspectiva feminina mostra sua constante busca, suas estratégias diversas de luta contra o preconceito, a opressão e a injustiça social. Através de seu trabalho e dos diferentes temas que aborda, dá um passo à frente na luta contra a exclusão política e social. É através de seu trabalho e dos diferentes temas que aborda que re-constrói e (re)negocia suas diferentes identidades: mulher, preta, pobre. A escrita representa, assim, um ato de resistência:

As escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma auto-representação. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição que a sociedade brasileira teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205)

No poema “Eu-mulher” percebemos uma voz poética que reconhece a importância de ser mulher: ela é a força que move o mundo, aquela que gera a vida. Por meio de imagens de sangue e semente, vemos a vida. Entretanto, a mulher sabe que o mundo ainda é masculino: a vida é inaugurada em baixa voz, porque o mundo ainda não está preparado para ela, para o que tem a dizer, por isso a necessidade de violentar, de impor-se. Imagens de silêncio e palavras que não foram ditas nos mostram uma voz feminina ainda silenciada. Seus desejos são vagos, suas esperanças, insinuadas:

Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
(EVARISTO, 2008)

Seguindo o mesmo motivo, “A noite não adormece nos olhos das mulheres” mostra a imagem de mulheres como geradoras da vida, que resistem pacientemente ao tempo. A voz poética traz às mulheres a responsabilidade de preservar a memória e a necessidade de resistir, já que a resistência é uma característica dos povos da diáspora. Mas a resistência acontece de maneira diferente: pacientemente. A paciência se converte em arma que trará a liberdade:

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.
(EVARISTO, 2008)

Dentre as estratégias utilizadas por Conceição Evaristo, destacamos o que Carole Boyce Davies chama de “subjetividade autobiográfica”. Segundo Boyce Davies (1994), “a subjetividade autobiográfica das mulheres negras é uma das maneiras pelas quais a fala é articulada e a geografia redefinida” (DAVIES, 1994, p. 21)³. Ainda segundo a autora, “a reescritura do lugar se converte em elo crucial na articulação da identidade. É um jogo de resistência à dominação que identifica de onde viemos, mas também localiza o lugar de origem em experiências transgressivas e disjuntivas” (DAVIES, 1994, p. 115)⁴. Assim, “a migração cria o desejo pelo lugar de origem, o que permite a produção da reescritura desse lugar” (DAVIES, 1994, p.113)⁵. Em outras palavras, o lugar de origem só pode ter significado quando se vive o deslocamento.

Conceição Evaristo, em “Mineiridade”, vê seu lugar de origem, Minas Gerais, como lugar ideal, aquele deixado para trás. O uso do que poderíamos chamar vocabulário mineiro, em expressões como “trem”, “uai”, ou à comida geralmente associada a Minas Gerais – queijo e quiabo – e a referência ao jeito de ser mineiro, ainda que estereotipado, levam o eu poético de volta a uma terra idealizada, que não é necessariamente a real. É essa sensação de exílio que a leva a entrar em conflito com a sua realidade:

Quando chego de Minas
trago sempre na boca um gosto de terra.
Chego aqui com o coração fechado,
Um “trem” esquisito no peito.
Meus olhos chegam divagando saudades,
meus pensamentos cheios de “uais”
e esta cidade aqui me machuca
me deixa maciça, cimento
e sem jeito.
(EVARISTO, 2008)

Essa sensação de deslocamento é uma característica comum nas literaturas da diáspora, geralmente relacionada à alienação física de grandes populações, à escravidão, à imposição da língua colonial.

Outro aspecto importante a ser observado na poesia de Conceição Evaristo

3 - “the autobiographical subjectivity of Black Women is one of the ways in which speech is articulated and geography redefined”.

4 - “the rewriting of home becomes a critical link in the articulation of identity. It is a play of resistance to domination which identifies where we come from, but also locates home in its many transgressive and disjunctive experiences”.

5 - “migration creates the desire for home, which in turn produces the rewriting of home”.

é a revisão historiográfica, que pode ser considerada “a tentativa de preencher os espaços vazios deixados pela historiografia tradicional” (BERND, 1998, p. 80). Prisca Agustoni de Almeida Pereira, em sua discussão sobre literatura afro-brasileira, propõe que “é fundamental pensarmos o processo da escravidão e seus desdobramentos como paradigma de uma herança cultural cujas marcas estão inscritas nos diferentes âmbitos que dizem respeito à cultura brasileira”. (PEREIRA, 2006, p. 121)

Vale lembrar, neste ponto, as observações de Andréas Huyssen (2000) sobre o florescimento do discurso da memória. Segundo o autor, “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais.” (HUYSSSEN, 2000, p. 9). Além disso, ainda de acordo com Huyssen, “discursos de memória de um novo tipo emergiram pela primeira vez no ocidente depois na década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em busca por histórias alternativas e revisionistas”. (HUYSSSEN, 2000, p. 11). Afirma também o autor que:

 Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que embora os discursos de memória possam parecer, de certo modo, um fenômeno global, no seu núcleo eles permanecem ligados às histórias de nações e estados específicos (...) o lugar político das práticas de memória é ainda nacional e não pós-nacional ou global (HUYSSSEN, 2000, p. 13)

“Vozes-Mulheres” é um poderoso poema no qual a história da diáspora é relembrada, recuperada. Essa história simboliza a história de todas as mulheres afro-brasileiras de um modo geral. Na primeira estrofe, vemos imagens de uma bisavó, ainda criança trazida como escrava para o Novo Mundo. Lamentos por uma infância perdida são ouvidos nos porões. São os lamentos de todas aquelas crianças que, trazidas contra sua vontade, configuram a diáspora africana:

 A voz de minha bisavó ecoou
 criança
 nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
 de uma infância perdida.
 (EVARISTO, 2008)

A estrofe acima rememora a história de escravos trazidos ao Brasil. Os ecos nos remetem às horríveis circunstâncias dessa história, das numerosas avós que

foram trazidas ainda crianças. Os ecos de lamentos também simbolizam a perda do lar, do lugar de origem, outra manifestação de perda. A imagem da avó, uma escrava que agora ecoa obediência, é recuperada na seguinte estrofe:

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
(EVARISTO, 2008)

Essa estrofe representa a condição feminina durante o terrorismo da escravidão. Os ecos obedientes demonstram a posição de subserviência do sujeito feminino negro.

O poema segue com o foco agora na mãe, que como tantas mulheres afro-brasileiras, só realizam trabalhos de cozinheiras, serventes, lavadeiras. Mas, essa mulher, depois de um dia de trabalho, volta à favela, único lugar onde pode viver. Favela, para Conceição Evaristo, representa a senzala contemporânea, lugar de sofrimento, pobreza, mas também de resistência. Assim sendo, é na imagem da mãe que os primeiros sinais de resistência são perceptíveis, apesar de sua voz ecoar baixinho:

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagem suja dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
(EVARISTO, 2008)

A voz do eu-lírico, ainda perplexa, ecoa as injustiças sociais através de imagens de sangue e fome que retratam a violência sofrida pela população afro-brasileira:

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
(EVARISTO, 2008)

Mas é na voz da filha, símbolo do passado, do presente e do futuro, aquela que carrega em si a história de todas as mulheres afro-brasileiras, que os sinais de liberdade serão ouvidos, que o eco da escravidão será rompido. Essa geração,

assim como as gerações futuras, exigirá melhores condições de vida para essas mulheres:

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2008)

A recusa a permanecer marginalizada aparece em “Canto I”. Ao mesmo tempo, o poema também condena a violência que acontece no Brasil, especialmente nas favelas, onde a maioria da população afro-brasileira vive. A referência às balas perdidas, situação tão comum nos dias de hoje, nos mostra a necessidade de gritar. Como mencionado anteriormente, para Conceição Evaristo as favelas são a representação contemporânea da senzala. Nesse poema, ela representa um local de resistência. A palavra nua se mostra, não esconde mais a dor e a revolta:

O silêncio mordido
rebela e revela
nossos ais
e são tantos os gritos
que a alva cidade,
de seu imerecido sono,
desperta em pesadelo.

E pedimos
que as balas perdidas
percam o rumo
e não façam do corpo nosso,
de nossos filhos, o alvo.

O silêncio mordido,
antes o pão triturado
de nossos desejos,
avoluma, avoluma
e a massa ganha por inteiro

o espaço antes comedido
pela ordem.

E não há mais
quem morda a nossa língua
o nosso verbo solto
conjugou antes
o tempo de todas as dores.

E o silêncio escapou
ferindo a ordenança
e hoje o inverso
da mudez é a nudez
do nosso gritante verso
que se quer livre.
(EVARISTO, 2008)

O conceito de literatura feminina afro-brasileira ainda é uma questão polêmica. Certos setores dos meios de comunicação e do meio acadêmico ainda se recusam a discutí-lo. A escrita é, por isso mesmo, um ato de resistência; a literatura, uma parte importante no debate sóciopolítico, uma “arma” para ser utilizada contra a marginalização. Trinh Minh-ha, em suas considerações sobre a escrita feminina, afirma que:

como um ponto vital de consciência cultural e mudança social, a escrita configura na linguagem as complexas relações do sujeito apanhado nos problemas de raça e gênero; a prática da literatura é o lugar onde a alienação social é impedida de acordo com contextos específicos. (MINH-HÁ, 1989, p. 6)⁶

Bell Hooks (1992) vê a questão racial como uma maneira de “transformar a imagem, criar alternativas, questionar que tipos de imagens subvertem, propõem alternativas críticas, transformam nossa cosmovisão e nos levam para longe do pensamento dualístico sobre o bem e o mal” (HOOKS, 1992, p. 4)⁷. Já Conceição Evaristo fala para

6 - “as a focal point of cultural consciousness and social change, writing weaves into language the complex relations of a subject caught between the problems of race and gender and the practice of literature as the very place where social alienation is thwarted differently according to each specific context.”

7 - “transforming the image, creating alternatives, asking ourselves questions about what types of images subvert, pose critical alternatives, and transform our worldviews and move us away from dualistic thinking about good and bad.”

Exorcizar o passado, arrumar o presente e prever a imagem de um futuro que queremos. Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferências mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias (...) Quem aprendeu a sorrir e a cantar na dor, sabe cozinhar as palavras, pacientemente na boca e soltá-las como lâminas de fogo, na direção e no momento exatos (EVARISTO, 2005, p. 203)

Em outras palavras, nossa escritora usa sua poesia como uma maneira de rejeição das ordens pré-estabelecidas. Ao recusar-se à passividade, questiona a posição dos afro-brasileiros de um modo geral, especialmente as mulheres. Nos seus poemas percebemos um diálogo no qual a poeta tenta descobrir e entender suas muitas caras: preta, pobre e mulher.

Abstract

The construction of an afro-Brazilian female identity is a key question to be observed. Even the language spoken in the country, in the expression “mulher negra” (black woman), the adjective “black” carries the implicit meaning of dirty, melancholic, doomed, and so on. Also, principles of equity are not part of Afro-Brazilian women daily lives: they still have the less paid jobs and, despite the fact that many have obtained university degrees, the market still reject them because of “appearance”. Even though they are many, they remain invisible. But, from this invisibility, they rise and construct their identities. In this article I will to examine how the Afro-Brazilian poet Conceição Evaristo constructs her identities, that is, how she rises from invisibility and transforms marginalization into empowerment.

Key words: Diaspora; Identity; Feminism; Poetry; Afro-Brazil; Invisibility

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. “La consciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência”. **Revista estudos feministas**, vol. 13, n. 3. Florianópolis, 2005. p. 704-719.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BOYCE DAVIES, Carole. **Black, Women, Writing, and Identity**. Migrations of the subject. London: Routledge, 1994.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face”. **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. (ed.) Nadilza Martins de Barros Moreira and Diane Schneider. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. In: HOOKS, Bell. **Black looks**. Race and representation. Boston: South End Press: 1992.

HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KALRA, Virinder S. *et al.* **Diaspora & Hybridity**. London: Thousand Oaks, New Delhi, 2005.

MINH-HA, Trinh. **Woman, native, other**: Writing postcoloniality and feminism. Indiana: Indiana University Press, 1989.

PEREIRA, Prisca Agustoni de Almeida. “Signos do atlântico negro em trânsito: algumas vozes da poesia de língua portuguesa contemporânea”. **Vozes (além) da África**. (ed.) Enilce Albergaria, Renato Bruno, Ignácio Delgado, Gilvan Ribeiro. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006. p. 119-133.